

5

Considerações finais

Ouve-me, ouve meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Quando digo "águas abundantes" estou falando da força de corpos nas água do mundo. Capta essa outra coisa que na verdade falo porque eu mesma não posso. Lê a energia que está no meu silêncio.

Clarice Lispector

Esta dissertação discute o alcance teórico da psicanálise na abordagem das manifestações de impulsividade, destacando a passagem ao ato como uma contribuição de Lacan à psicanálise que vem imprimir uma revisão importante nesse campo. Vimos que a impulsividade pode significar um movimento do sujeito em busca da alteridade. O sujeito convoca o Outro para lhe responder sobre a questão do seu desejo, e assim ser apaziguado quanto à angústia que é sentida como uma ameaça ao seu próprio desejo. No entanto nos casos extremos, a impulsividade de um ato pode ser tão disruptiva para o sujeito que pode significar uma desistência por parte do sujeito em relação ao Outro, e esse é o caso da passagem ao ato.

Primeiramente localizamos na teoria freudiana o conceito de ato falho, a noção de repetição, e o sentimento de estranheza, como balizas que motivaram Freud a pesquisar sobre o modo peculiar e impulsivo pelo qual a subjetividade eventualmente se apresenta, seja no campo analítico, seja na vida cotidiana, e que revela algum material da ordem do inconsciente. Estas ferramentas teóricas permitiram Freud construir o conceito de "*Agieren*", que foi traduzido pela língua inglesa pelo termo "*acting out*". Este conceito diz respeito a uma forma de recordação imantada pela pulsão que convoca o corpo a repetir, através de atos encenados, uma situação experimentada no passado.

Para chegarmos à temática da passagem ao ato, fizemos um percurso pelo trabalho de Lacan partindo de sua tese de doutorado publicada em 1932, "Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade". Nesta tese, Lacan importa o termo "passagem ao ato", originário da psiquiatria, para o campo psicanalítico, e aponta para a questão da responsabilidade do sujeito em relação

aos seus atos. Ainda que estes pareçam imotivados e impulsivos, eles não deixam de habitar o campo da linguagem.

Até este momento teórico a passagem ao ato foi trabalhada por Lacan como um instrumento ligado a paranoia de reivindicação e associada à estrutura psicótica. Somente no seminário X proferido em 1962-63, Lacan retomou o tema da passagem ao ato e, desta vez, considerando-a como independente de uma estrutura psíquica; ou seja, a passagem ao ato pode vir a ser um recurso do sujeito neurótico também. Lacan promoveu um desdobramento conceitual do *acting out* freudiano, demarcando as diferenças entre os mecanismos e as dinâmicas que vão precipitar ou *acting out*, ou a passagem ao ato.

Neste seminário Lacan promoveu a angústia como o afeto por excelência, e tanto o *acting out* quanto a passagem ao ato foram reconfigurados e reelaborados como recursos do sujeito para se defender deste afeto que é tão devastador para o sujeito. “Agir é arrancar da angústia a própria certeza” (Lacan, 1962-63/2005, p.140), por este motivo estas modalidades impulsivas, em que o ato se impõe, surgem diante da emergência de um elemento que se deve manter oculto; trata-se do objeto *a*.

O principal ponto de diferenciação entre o *acting out* e a passagem ao ato refere-se a dinâmica de apelação que o *acting out* possui. Lacan considerou o *acting out* como “transferência sem análise” (Lacan, 1962-62/2005, p.140), pela razão de que ele comporta sempre um direcionamento, um apelo ao Outro. O sujeito não sai de cena, pelo contrário, ele encena um material da ordem do recalcado, para que o Outro interprete. É uma forma alienada em relação ao próprio desejo de convocar o Outro .

O caso clínico do jovem paciente cientista de Kris, é um caso que Lacan utilizou em alguns momentos de sua obra com a finalidade de destacar esta dimensão do *acting out*. O relato do paciente, de que ia comer miolos frescos nos finais das sessões conduzidas por Kris, configurava um *acting out* direcionado ao analista; era uma tentativa de retificar a interpretação errônea do analista. Assim o *acting out*, ainda que seja uma manifestação do ato que implica em um alheamento do sujeito que o impede de subjetivar o seu ato, denuncia algo da ordem do desejo. O *acting out* traz a marca da compulsão à repetição, onde o

sujeito coloca em cena o objeto *a*, e desta forma salva-se de uma identificação maciça com o objeto.

A passagem ao ato, por sua vez, possui elementos constitutivos parecidos com os que estruturam o *acting out*. No entanto, este peculiar recurso que o sujeito pode vir a utilizar para se defender da angústia, e que o impulsiona para o ato, comporta a problemática da identificação total do sujeito com o objeto. Esta identificação com o objeto *a*, identificação com o resto, com o nada, com um objeto do mundo. Assim Lacan defende a ideia de que o sujeito sai para o mundo, que é o lugar do real, do sem sentido, lugar do objeto *a*. O sujeito rompe com a cena, que tem sempre o Outro como horizonte, único lugar onde o sujeito pode contar a sua estória e tecer os sentidos que compõem a própria vida. A passagem ao ato é um corte em relação ao campo do Outro, que é o que determina o sujeito enquanto tal.

Lacan recorreu aos casos clínicos freudianos, o caso “Dora” (1901) e o caso da “Jovem homossexual” (1920), a fim de instrumentalizar a estrutura da passagem ao ato. O autor também apontou para a existência do *acting out* e da passagem ao ato em um mesmo caso clínico, o que nos levou a conclusão que um *acting out* pode evoluir para uma passagem ao ato. Lacan elaborou um esquema teórico no seminário X (1962-63), a fim de situar o afeto da angústia, partindo do princípio de que o sintoma, a angústia, o *acting out* e a passagem ao ato são estruturas que se desenvolvem a partir da pulsação psíquica da inibição, que irão surgir de acordo com a localização do sujeito nos eixos de dificuldade e movimento. Portanto a precipitação do *acting out* ou da passagem ao ato depende do momento de confluência entre os graus de dificuldade e de movimento, em que o sujeito pode vir a se situar.

No caso da “Jovem homossexual”, a jovem é flagrada pelo olhar de ira do pai, durante um passeio com a namorada, cujo relacionamento era desaprovado pelo pai. Este encontro com o pai da jovem, imediatamente acarretou a decisão da namorada em pôr fim a relação. Diante da frase de rompimento proferida pela namorada, a jovem responde com uma passagem ao ato, precipitando-se na linha do trem. A passagem ao ato foi precipitada pela conjunção do olhar colérico do pai, que marcou um momento embaraçoso de dificuldade, acrescentado à frase de rompimento da namorada, que trouxe um grau de emoção mais intenso liberando

o movimento.

Este momento da passagem ao ato proporciona uma identificação total com o objeto *a*, com o nada, e o sujeito já não se reconhece mais como sujeito. A identificação com o objeto *a* arrasta o sujeito para o mundo, uma vez que é insuportável para o sujeito ocupar o lugar de nada. A condição de ser a falta no Outro é fundamental para que o sujeito mantenha-se vivo, se ele passa a ser “nada” para o Outro não há mais porque manter-se em cena.

Esta pesquisa reconhece na obra lacaniana os contornos de uma “patologia do ato” que traz a passagem ao ato como principal tema. Estas patologias envolvem a questão da impulsividade e podem se manifestar clinicamente através de atos de violência contra o próprio corpo ou contra o outro; são os atos contidos nas patologias como a bulimia, toxicomanias, transtornos de atenção entre outros; sob a égide dos “novos sintomas”.

Vimos, de acordo com o aparato teórico psicanalítico, que a passagem ao ato não é novidade na literatura e nem na história da humanidade. Os textos freudianos “O mal-estar na civilização” (1930) e “Totem e Tabu” (1913), nos serviram de base para articular a ênfase cultural que é dada a um determinado tipo clínico, de acordo com o contexto sócio-histórico. A premissa freudiana de que o mal-estar na cultura é inarredável foi o nosso ponto de partida para pensar sobre a contemporaneidade e os “novos sintomas”.

Vimos que Lacan no seminário XVII, aponta para uma mutação no sistema social contemporâneo que produz novos sintomas, novas formas de gozar e novas formas de fazer laço social. O autor comenta: "(...) não há capitalista que possa dizer que um determinado número basta, que está tranquilo e satisfeito, isso seria fazer uma injúria ao jogo capitalista" (Lacan, 1969-70/1992, p.113). Assim, Lacan destaca a forte influência que o discurso capitalista exerce sobre os modos de subjetivação, especialmente no que concerne à destituição da lei que antes limitava o acesso do sujeito ao seu próprio gozo. A lógica capitalista impele os sujeitos a gozarem a qualquer preço.

Os objetos produzidos pela ciência, as latusas, como as nomeia Lacan, são dispositivos que servem para tamponar a falta que é estrutural dos sujeitos. Efemeramente elas proporcionam prazer, afinal são objetos investidos por uma

carga pulsional, no entanto a falta-a-ser é parte da condição humana que caminha em direção oposta à lógica de consumo capitalista. Assim como o sistema patriarcal, ao proibir o gozo, produzia sintomas da ordem do recalque, a ciência articulada ao ideal capitalista, estimula o gozo. Como resposta a este novo imperativo cultural, a passagem ao ato surge contrastando com o sintoma neurótico.

Podemos concluir que um novo tipo de laço social é produzido, marcado pelo enlaçamento do sujeito com objetos que prometem uma complementariedade narcísica, revelando a passagem ao ato como uma resposta a este discurso. A lógica capitalista implica em reduzir o desejo à necessidade, o que leva o sujeito a uma impulsividade para agir como se agisse pela sua própria sobrevivência. O mal-estar na cultura capitalista persiste apesar dos esforços de universalização do sujeito através do imperativo de consumir. Ainda que o ideal cultural ordene "goze!", o homem contemporâneo parece não ser mais feliz.

Os sujeitos impulsivos denunciam que esta fórmula ditada pela sociedade não consegue universalizar os sujeitos. Assim como o sintoma neurótico deflagrava a impossibilidade de abrir mão completamente das pulsões agressivas e sexuais, a passagem ao ato revela que é preciso renunciar minimamente uma parcela da própria pulsão para se viver em sociedade.

Finalmente, concluimos que o lugar ambivalente que a psicanálise tem ocupado tanto na cultura quanto no hospital psiquiátrico, tem relação com as mudanças culturais perpassadas pelo capitalismo em seu estado mais avançado. A psicanálise, na contra mão do discurso capitalista que busca universalizar os sujeitos, pretende singularizar cada sujeito, questionando os objetos *latusas* que tentam tamponar o conflito psíquico. O elemento fundamental de uma análise é justamente o material que é excluído pelo discurso capitalista, referente ao objeto *a*, ao *non-sense*. Contra o imperativo capitalista, a psicanálise parte do princípio de que a falta é estrutural e fundamental para que o sujeito se engaje em um saber que implique a falta e assim possa lidar com o seu desejo e produzir algo de novo.

Enquanto o imperativo cultural ordena a homogenização e a tamponação da falta, pela via dos objetos produzidos pelo mercado, a psicanálise propõe a singularização e a responsabilização do sujeito. A psicanálise parte do princípio de que a falta é estrutural e fundamental para que o sujeito se engaje em um saber,

e produza algo de novo; a aposta analítica é que o sujeito pode fazer um “bom uso do resto, fazer desse gozo opaco que nos funda movimento e abertura ao encontro” (Vieira, 2008, p.140).

A psicanálise aposta que ainda que o sujeito possa se apresentar de forma conturbada e violenta, a impulsividade, mais do que o sintoma produzido pelo recalque, busca a alteridade, enfim, o sujeito contemporâneo não deixou de buscar o Outro, no entanto esta busca tem se dado de forma radical, quase no limite do rompimento com a vida.

A passagem ao ato pode ser alcançada pela psicanálise, no entanto, escutar os atos que sinalizam o caminho de uma passagem ao ato constitui o maior desafio para um analista, que o tempo todo é convocado a lidar com a sua própria angústia. A psicanálise parte da ideia de que a angústia é o afeto humano por excelência, e é fundamental para a produção humana. Talvez este seja um motivo para que este saber seja cada vez menos recepcionado na nossa cultura, que vende a ideia de que o sujeito não pode se angustiar. Por outro lado, quando os produtos produzidos pelo capitalismo esgotam-se, a psicanálise ainda surge como uma alternativa de tratamento em um mundo globalizado e instantâneo.

Diante destas constatações, podemos apostar que a passagem ao ato quando falha, ou seja quando não acarreta no rompimento com o Outro, com a vida, ela pode vir a obturar uma via para a alteridade. A nossa cultura individualista que impele os sujeitos a buscarem nos objetos uma complementariedade narcísica, induz a pulsação psíquica da impulsividade, como uma busca desenfreada por uma alteridade, ainda que a passagem ao ato bem sucedida signifique o rompimento com Outro.

Como a psicanálise é a clínica da singularidade e do caso a caso, ela revela-se como um instrumento teórico e clínico diferenciado que permite uma escuta dos atos contidos nas passagens ao ato, e todas as consequências dessa escuta, que implica na responsabilização e reconhecimento do sujeito, do Outro, e do desejo.